

AFROFUTURISMO NO DESIGN DE MOBILIÁRIO: Uma Análise Estética no Design Contemporâneo

Marta Gabriela da Conceição Silva ¹
Luiza Mader Paladino ²

RESUMO

Silva, Marta Gabriela da Conceição. **Afrofuturismo no Design de Mobiliário**: Uma Análise Estética no Design Contemporâneo. 2025. Artigo do Curso de Tecnologia de Design de Produto — Instituto Federal de Brasília, Brasília, 2025.

Este artigo tem como objetivo investigar, por meio de revisão bibliográfica e análise crítica, as possibilidades estéticas e conceituais do Afrofuturismo aplicado ao design de mobiliário contemporâneo, entendendo-o como uma estratégia de resistência decolonial e valorização das identidades negras no design brasileiro. O problema de pesquisa se originou de um questionamento empírico: a de que a presença de estudantes negros no ensino superior, especialmente em cursos de Design, ainda enfrenta desafios relacionados à representatividade e à valorização das identidades afro-brasileiras. No curso de Design de Produto do Instituto Federal de Brasília, por exemplo, é visível a escassez de referências a designers e profissionais negros, refletindo um modelo de ensino baseado em perspectivas eurocêntricas. Historicamente, o Design Moderno ocidental desconsiderou as contribuições de grupos marginalizados, como povos africanos e afrodescendentes. Diante desse cenário, o Afrofuturismo surge como uma abordagem estética, cultural e política que articula ancestralidade, tecnologia e imaginários de futuro, propondo novas narrativas visuais e simbólicas.

Palavras-chave: Afrofuturismo, Design de Mobiliário; Mobiliário Contemporâneo; Identidade Negra; Pensamento Decolonial.

Data de aprovação: 28/07//2025

¹ Graduanda em Tecnologia de Design de Produto no Instituto Federal de Ciência, Tecnologia em Educação de Brasília — Campus Samambaia. E-mail: gabi.martaa@gmail.com.

² Professora no Instituto Federal de Tecnologia e Educação de Brasília — Campus Samambaia. Doutora e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. E-mail: 3156487@etfbsb.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A Falta de Representatividade de Designers Negros

O campo do Design, apesar de discurso frequentemente voltado à universalidade e à solução de problemas para todos, reflete e, por vezes, amplifica as desigualdades estruturais presentes na sociedade. Uma das mais notáveis é a persistente sub-representatividade de profissionais negros, tanto no Brasil quanto em contextos internacionais. Longe de ser uma mera questão estatística, essa disparidade revela a manutenção de barreiras históricas, econômicas e raciais que limitam o acesso, a permanência e o reconhecimento de designers negros, impactando diretamente a diversidade de perspectivas e a própria linguagem visual produzida.

Dados quantitativos, embora escassos no contexto brasileiro, ajudam a dimensionar o problema. O censo de 2019 realizado pelo American Institute of Graphic Arts (AIGA) em parceria com o Google nos Estados Unidos, por exemplo, apontou que apenas 3% dos quase 9.400 designers entrevistados se identificavam como afro-americanos, contrastando com 71% de brancos (SCHAEFER FRANÇA, 2022). Embora represente um leve avanço em relação a 2017 (quando 73% eram brancos), o número evidencia uma exclusão sistêmica. No Brasil, a ausência de um censo similar abrangente dificulta a quantificação precisa, mas relatos de profissionais, pesquisas acadêmicas pontuais e a observação dos espaços de formação e do mercado indicam um cenário análogo ou ainda mais desigual (WAGUIN, 2018; SCHAEFER FRANÇA, 2022).

A origem dessa sub-representatividade é multifatorial e remonta a processos históricos de exclusão. A designer Cheryl Miller, já em 1987, denunciava as barreiras econômicas enfrentadas pela população negra nos EUA para acessar a formação em design – muitas vezes restrita a universidades privadas de alto custo –, a falta de apoio familiar (associando a área à insegurança financeira), a limitação das redes de contato e, fundamentalmente, o racismo estrutural que permeava as agências e instituições (SCHAEFER FRANÇA, 2022). Mais de três décadas depois, muitas dessas barreiras persistem. No Brasil, a situação é agravada pelo legado da escravidão e pela concentração da população negra nas camadas socioeconômicas menos favorecidas. Mesmo com o avanço das políticas de cotas, que ampliaram o acesso de jovens negros ao ensino superior (SCHAEFER FRANÇA, 2022), desafios como o custo de materiais essenciais (computadores potentes e softwares), transporte, moradia, alimentação e o próprio racismo institucional continuam a operar como filtros.

A consequência mais imediata dessa invisibilidade é a falta de referências. Como questiona Waguin (2018), "Onde estão nossas referências negras em Design?". A ausência de professores, mentores e exemplos de sucesso com os quais estudantes negros possam se identificar nos currículos e no mercado gera um ciclo vicioso de não-pertencimento e desestímulo. A psicóloga Marlene Oliveira, citada por Waguin (2018), ressalta que "Quando uma etnia ou cultura é desvalorizada, desconsiderada ou mesmo ocultada, fica muito difícil se reconhecer como ser desejante", o que pode levar a sentimentos de isolamento e inadequação.

Por outro lado, em resposta a esse cenário, emergem iniciativas importantes que buscam promover a visibilidade, a conexão e o fortalecimento de designers negros. Um exemplo notório no Brasil é a plataforma Designers Negres no Brasil (DNBR), criada com para "reunir milhares de profissionais com objetivo de estimular ainda mais a visibilidade nacional de pessoas pretas em design" (CASA VOGUE). Funcionando como um diretório e uma comunidade, o DNBR busca conectar talentos a oportunidades, inspirar novas gerações e fomentar um debate crítico sobre raça no campo do design (CASAVOGUE, 2020). Outros coletivos e projetos, como o "Cadê os Pretos no Design?" e o PretADG (ligado à Associação dos Designers Gráficos do Brasil), também atuam nesse sentido, promovendo discussões, eventos e ações afirmativas (TEORIADODESIGN, 2021; ADG BRASIL, 2021).

O DNBR permite que designers negros cadastrem seus perfis, informando área de atuação, nível profissional e localidade, criando assim uma rede nacional de talentos. Em apenas dois meses após seu lançamento, a plataforma já contava com mais de 230 profissionais cadastrados (CASAVOGUE, 2020). Além do mapeamento, o DNBR atua conectando talentos a oportunidades, inspirando novas gerações e fomentando um debate crítico sobre raça no campo do design.

O projeto "Cadê os Pretos no Design?", iniciado em 2016 por Horrana Porfírio, então estudante da FAU-USP, surgiu após ela constatar que era a única mulher negra em seu curso, a inexistência de professores negros e o desconhecimento de designers negros de referência (PORFÍRIO, 2019). O que começou como uma pergunta individual evoluiu para um movimento coletivo que realizou mapeamentos nacionais de designers negros, intervenções acadêmicas e rodas de conversa em eventos estudantis. Uma de suas ações mais impactantes foi a intervenção "Ensino no design: por quem, para quem?" (PORFÍRIO, 2018), que analisou bibliografias de disciplinas da FAU-USP, revelando que 95,3% das obras eram de autoria branca e nenhuma de autoria negra, expondo concretamente o eurocentrismo na formação em design no Brasil.

Já o coletivo PretADG, criado em 2020 dentro da ADG Brasil (Associação dos Designers Gráficos do Brasil), reúne profissionais negros de diversos estados e áreas de atuação. Entre suas realizações destaca-se a exposição "Negras Memórias do Design Brasileiro" (PRETADG, 2024), que celebrou o legado de profissionais negros na história do design nacional, questionando a narrativa tradicional que frequentemente ignora essas contribuições. A exposição explorou desde o período colonial até os dias atuais, abordando áreas como design de produtos, ourivesaria, tecelagem, artes gráficas, tipografia, moda e cenografia (NEGRE, 2024).

Essas iniciativas dialogam diretamente com a teoria do afrofuturismo em diversos aspectos. Assim como o afrofuturismo busca reimaginar futuros para pessoas negras combinando elementos da diáspora africana com tecnologia e futurismo, esses coletivos trabalham para resgatar a ancestralidade negra no design brasileiro enquanto projetam novos futuros possíveis. Ambos questionam narrativas hegemônicas – o afrofuturismo desafia visões dominantes sobre tecnologia e futuro; os coletivos contestam narrativas eurocêntricas sobre a história e prática do design. Além disso, tanto o afrofuturismo quanto esses coletivos entendem a estética como um campo de disputa política, reconhecendo que as escolhas estéticas não são neutras, mas carregadas de significados culturais e políticos.

Ao dar visibilidade a designers negros históricos e contemporâneos, criar redes de apoio, questionar bases eurocêntricas e propor novas epistemologias, esses coletivos estão contribuindo para a construção de um design afrofuturista brasileiro – um design que não apenas inclui pessoas negras, mas que é fundamentalmente transformado por suas perspectivas, referências e abordagens. Em um país marcado pela diversidade cultural e pelo legado africano, essas iniciativas são essenciais não apenas para corrigir injustiças históricas, mas para enriquecer o campo do design com novas visões de passado, presente e futuro.

Essas iniciativas são cruciais, pois apontam para a necessidade de ações concretas que vão além do discurso da diversidade. Elas evidenciam que a luta por representatividade no design não é apenas uma questão de justiça social, mas também um fator essencial para a própria inovação e relevância do campo. Ao trazer novas perspectivas, experiências e repertórios culturais, designers negros têm o potencial de enriquecer e transformar a prática projetual, desafiando padrões hegemônicos e contribuindo para a criação de soluções mais inclusivas e significativas para toda a sociedade. Compreender a profundidade da falta de representatividade e conhecer os esforços para superá-la é, portanto, o primeiro passo para imaginar e construir um futuro mais plural para o design.

O que é Afrofuturismo?

O Afrofuturismo emerge como um campo vibrante e com muitas faces – uma estética cultural, filosófica e movimento artístico – que se propõe a explorar as interseções entre a diáspora africana, tecnologia, ciência, futuro e ancestralidade. Cunhado pelo crítico cultural Mark Dery em seu ensaio "Black to the Future" (1994), o termo buscava descrever um fenômeno crescente na cultura afro-americana que utilizava ferramentas da ficção científica e da tecnocultura para abordar as experiências e preocupações da negritude (DERY, 1994). No entanto, as raízes do pensamento e da estética afrofuturista são muito mais profundas, podendo ser rastreadas em diversas manifestações artísticas, musicais e literárias ao longo do século XX e até antes.

Fundamentalmente, o Afrofuturismo opera como uma lente crítica e especulativa. Ele não se limita a inserir personagens negros em narrativas de ficção científica tradicionais, mas busca reimaginar o próprio futuro a partir de uma perspectiva afrocentrada, questionando as narrativas lineares de progresso tecnológico frequentemente associadas ao Ocidente e à exclusão racial. Como define Alondra Nelson, o Afrofuturismo permite examinar a posição do sujeito negro, marcada pela alienação histórica (muitas vezes comparada à de um "alienígena"), mas também pela aspiração a futuros utópicos e pela reivindicação de agência na construção desses futuros (NELSON, 2002). (FIGURA 1: A imagem retrata uma mulher negra com adereços africanos em um contexto futurista, representando o afrofuturismo)

FIGURA 1 – AFROFUTURISMO



FONTE: BERNARDO OLIVEIRA, 2016

Os temas centrais explorados pelo Afrofuturismo são diversos e interconectados:

Tecnologia e Tecnocultura, a tecnologia não é vista apenas como ferramenta de opressão ou domínio ocidental, mas como um campo a ser apropriado, hackeado e ressignificado pela diáspora. Explora-se a relação dos corpos negros com a máquina, o ciborgue, a inteligência artificial e o ciberespaço.

Ancestralidade e História, o passado não é esquecido, mas revisitado e reimaginado. Mitos, cosmologias, tradições e símbolos africanos e afrodiaspóricos são frequentemente mesclados com elementos futuristas, criando uma ponte entre tempos e saberes.

Diáspora e Alienação. a experiência da diáspora, do deslocamento forçado e da alienação cultural é um tema recorrente, muitas vezes metaforizado através de narrativas de viagens espaciais, encontros com extraterrestres ou mundos paralelos.

Crítica Social e Política, afrofuturismo é intrinsecamente político, utilizando a especulação para criticar o racismo sistêmico, a colonialidade, as desigualdades sociais e para imaginar formas alternativas de organização social e resistência.

Espiritualidade e Cosmologia, dimensões espirituais, místicas e cosmologias não-ocidentais são frequentemente incorporadas, desafiando a visão puramente materialista e racionalista da ciência e tecnologia ocidentais.

As manifestações do Afrofuturismo são vastas e abrangem múltiplos campos artísticos. Na música, pioneiros como Sun Ra e sua Arkestra, com sua cosmologia egípcio-espacial, e George Clinton com o P-Funk e sua mitologia de "Afronautas", estabeleceram bases fundamentais (ESHUN, 2003). Artistas contemporâneos como Janelle Monáe (com seus conceitos de andróides e sociedades distópicas), Erykah Badu, Flying Lotus, e no Brasil, Nação Zumbi e Ellen Oléria, continuam a explorar essa estética.

Na literatura, autores como Samuel R. Delany, Octavia E. Butler (considerada uma das mães do gênero), N. K. Jemisin e Nnedi Okorafor criaram universos complexos que exploram futuros negros, biotecnologia, pós-humanismo e crítica social. No Brasil, nomes como Fábio Kabral e Lu Ain-Zaila despontam nesse cenário (UOL CULTURA, 2023; LIVROBINGO, 2023).

Nas artes visuais, desde as pinturas de Jean-Michel Basquiat (FIGURA 2), passando pela fotografia de Renée Cox, até artistas contemporâneos como Wangechi Mutu e Lina Iris Viktor, a estética afrofuturista se manifesta na colagem, no uso de simbologia africana, na representação do corpo negro em contextos tecnológicos ou míticos. O cinema e os quadrinhos também são campos férteis, com o sucesso estrondoso de "Pantera Negra" (Marvel Comics) popularizando a estética para um público mais amplo (FIGURA 3).

FIGURA 2: JEAN MICHEL BASQUIAT



FONTE: BBC, 2023

FIGURA 3: PANTERA NEGRA



FONTE: WIKIPEDIA, 2018

O Afrofuturismo é mais do que um gênero; é uma estratégia cultural e política que permite à diáspora africana reivindicar seu lugar na imaginação do futuro. Ao fundir o tecnológico com o ancestral, o científico com o mítico, ele oferece um poderoso contraponto às narrativas dominantes e abre espaço para a criação de futuros onde a negritude não é apenas presente, mas central e definidora.

Mobiliário Contemporâneo e o Pensamento Decolonial: Desafiando a Colonialidade do Saber e do Ser

O design de mobiliário, enquanto campo de prática e conhecimento, não opera em um vácuo cultural ou político. Os objetos que desenhamos, produzimos e

com os quais convivemos – cadeiras, mesas, estantes, camas – estão profundamente imbuídos de valores, histórias e visões de mundo. No contexto contemporâneo, uma análise crítica através das lentes do pensamento decolonial revela como o campo do mobiliário, assim como o design em geral, foi historicamente moldado pela "matriz colonial de poder" (QUIJANO, 2007; 2007, cit. por BOTES, 2025), perpetuando hierarquias epistêmicas e estéticas que marginalizam saberes e fazeres não-ocidentais.

O cerne dessa questão reside na colonialidade do saber, um conceito central no pensamento decolonial que descreve como a expansão colonial europeia não impôs apenas um domínio político e econômico, mas também um sistema de conhecimento que se apresentou como universal e superior, desqualificando e subalternizando outras formas de saber, incluindo as cosmologias, tecnologias e estéticas dos povos colonizados (MIGNOLO, 2007; NDLOVU-GATSHENI, 2015, cit. por BOTES, 2025). No design de mobiliário, isso se manifesta na supervalorização do cânone modernista europeu (Bauhaus, Estilo Internacional) como referência quase exclusiva de "bom design", na invisibilização de tradições construtivas e materiais locais, e na apropriação descontextualizada ou folclorizante de elementos de culturas não-ocidentais.

O pensamento decolonial, portanto, propõe um "giro epistêmico" ou giro do saber (MALDONADO-TORRES, 2007), um esforço para dismantelar essa hierarquia e reconhecer a pluriversalidade de saberes e práticas. Aplicado ao design de mobiliário no Brasil, isso implica em um duplo movimento: por um lado, criticar a herança colonial que ainda informa muitos processos projetuais e pedagógicos (TORRES, 2022; FERREIRA, 2022); por outro, buscar ativamente e valorizar as ricas tradições e conhecimentos presentes nas culturas indígenas e afro-brasileiras.

As cosmologias e saberes indígenas, por exemplo, oferecem perspectivas radicalmente distintas sobre a relação entre humanos, natureza e materialidade. O profundo conhecimento sobre madeiras, fibras, pigmentos naturais e técnicas construtivas ancestrais, aliado a uma visão de mundo que não separa o objeto de seu contexto ritual, social e ambiental, representa um vasto repertório epistêmico e estético que o design hegemônico frequentemente ignora ou simplifica. Projetos que buscam colaborar genuinamente com comunidades indígenas, respeitando seus protocolos e valorizando seus conhecimentos como coautores do processo de design, apontam para caminhos decoloniais promissores, desafiando a lógica extrativista e hierárquica (ESCOBAR, 2018).

Da mesma forma, a cultura afro-brasileira, forjada na diáspora e na resistência, carrega consigo saberes ancestrais africanos reconfigurados no novo contexto, expressos em técnicas artesanais, no uso de materiais, na organização dos espaços domésticos e nas formas de sociabilidade. A "gambiarra" ou o "design de guerrilha", muitas vezes vistos pejorativamente, podem ser relidos sob uma ótica decolonial como estratégias criativas de adaptação e resistência, que subvertem a lógica industrial e afirmam a capacidade de improvisação e resiliência.. O mobiliário pensado a partir dessa perspectiva pode incorporar elementos simbólicos, narrativas de resistência e estéticas que celebrem a identidade afro-brasileira, como explorado no tópico anterior sobre Afrofuturismo, mas também em abordagens que valorizem o saber-fazer tradicional e a economia local.

Decolonizar o design de mobiliário, portanto, não significa simplesmente adicionar "temas" indígenas ou afro-brasileiros a estruturas projetuais que permanecem coloniais. Implica em questionar os próprios fundamentos do campo: Quem define o que é "bom design"? Quais conhecimentos são considerados válidos? Quais materialidades são valorizadas? Como os processos de produção impactam as comunidades e o ambiente? Envolve reconhecer o design como um campo de disputa política e cultural, e assumir um compromisso ético com a promoção da diversidade epistêmica e da justiça social (VAN AMSTEL, [s.d.]; ZUCHINALI, 2021).

Ao abraçar o pensamento decolonial, o design de mobiliário contemporâneo no Brasil tem a oportunidade de se reinventar, tornando-se mais relevante, plural e conectado às realidades e saberes locais. Trata-se de um convite a desaprender os dogmas eurocêntricos e a reaprender com as ricas e diversas tradições que compõem o tecido cultural do país, construindo um futuro onde múltiplos mundos e saberes possam coexistir.

Designers e Obras – Visões Afrofuturistas e Decoloniais no Mobiliário

A análise de obras específicas permite compreender como os princípios do Afrofuturismo e do pensamento decolonial se materializam concretamente no design de mobiliário. Este tópico explora as trajetórias de designers proeminentes, detalha exemplos significativos de seus mobiliários, examina a representação do mobiliário afrofuturista no cinema através dos filmes *Pantera Negra*, e, por fim, realiza uma análise comparativa para destacar as distintas abordagens em contraponto ao design moderno europeu.

Designers em Foco

Os designers selecionados para este estudo – Jomo Tariku, Matheus Ramos e Yinka Ilori – representam diferentes facetas e geografias da intersecção entre design, identidade negra, Afrofuturismo e decolonialidade.

Jomo Tariku

Designer industrial etíope-americano radicado nos Estados Unidos, Tariku tem como missão explícita criar um "novo idioma de design de mobiliário moderno com tema africano" (FINNEY, 2022), combatendo a invisibilidade histórica do design do continente nos cânones ocidentais. Seu trabalho traduz inspirações culturais, históricas e naturais da África (especialmente da Etiópia) em formas contemporâneas e sofisticadas, utilizando técnicas modernas. O reconhecimento de Tariku cresceu exponencialmente, com peças adquiridas por museus de prestígio como o MET, LACMA, MoMA e NMAAHC.

Matheus Ramos

Atuando no contexto brasileiro, Ramos se destaca por incorporar valores culturais e, notadamente, a espiritualidade afro-brasileira em seu design de mobiliário. Seu trabalho representa um movimento decolonial ao trazer referências

de matriz africana, historicamente marginalizadas, para o mercado de alto padrão, desafiando diretamente os parâmetros eurocêntricos dominantes no design nacional.

Yinka Ilori

Designer britânico de origem nigeriana, Ilori representa a perspectiva da diáspora africana na Europa. Seu trabalho é marcado pela explosão de cores e padrões vibrantes, frequentemente aplicados a móveis reaproveitados (upcycling). Ilori foca na ressignificação de objetos existentes através da estética e de narrativas nigerianas e afrodiaspóricas, celebrando a alegria e a vitalidade cultural como forma de resistência.

Mobiliários

Jomo Tariku

Jomo Tariku, o portfólio de Jomo Tariku é vasto e demonstra uma pesquisa contínua sobre a cultura material africana, traduzida em peças que já integram coleções permanentes de grandes museus. Além da icônica Cadeira Nyala, destacam-se o banco Mukecha (FIGURA 4), inspirado nos tradicionais pilões (FIGURA 5) de madeira etíopes usados para moer grãos, este banco apresenta uma forma cilíndrica esculpida com anéis concêntricos. O design de Tariku para o banco incorpora anéis concêntricos, fazendo referência aos anéis de pescoço encontrados em bustos de bronze do Reino de Benin. Embora o formato do banco seja inspirado no pilão tradicional, ele funde duas ideias: o contorno simples do pilão é reinventado com nervuras intrincadas que se estendem para cima, inspiradas nos anéis de pescoço do pilão. O furo no meio do assento faz alusão à função do pilão. Produzido em madeira maciça torneada, celebra um utensílio doméstico fundamental, elevando-o a objeto de design. Foi adquirido pelo Dallas Museum of Art e apareceu em Pantera Negra: Wakanda Para Sempre.

FIGURA 4 E 5 – BANCO MUKECHA E PILÃO



FONTES: WEXLER GALLERY, 2018 – SOSSEGO DA FLORA, 2022

Cadeira MeQuamya (FIGURA 6), com seu distintivo encosto em forma de "T", é inspirada nos bastões de oração tradicionais etíopes (mequamya), usado por diáconos e padres durante longas meditações e procissões religiosas nas Igrejas Ortodoxas Etíopes. A MeQuamya (FIGURA 7), em forma de cruz tau, oferece suporte para fiéis que precisam ficar em pé por longos períodos, permitindo que descansam os braços ou se apoiem nela. O design da cadeira de Jomo Tariku incorpora o formato do cajado de oração ao encosto, enquanto sua geometria complexa — com pernas hexagonais e encosto hexagonal — acrescenta um toque

visual intrigante de vários ângulos. A cadeira MeQuamya traduz um objeto ritual para uma função cotidiana, mantendo sua dignidade cultural. Foi adquirida pelo NMAAHC e pelo Baltimore Art Museum.

FIGURA 6 E 7 – CADEIRA MEQUAMYA E BASTÃO DE ORAÇÃO



FONTE: JOMO TARIKU, 2025

O design da Cadeira Meedo (FIGURA 8) une a rica história do Pente Garfo com a tradição africana de um assento cerimonial que simboliza liderança, unidade e parentesco. O Pente Garfo é um ícone duradouro da experiência negra, remontando a pelo menos 6.000 anos no Sudão. Dos movimentos Black Power e Black is Beautiful aos ritos de passagem para a vida adulta em muitas culturas africanas, o Pente Afro é um símbolo de beleza, status e vigor. Foi a primeira peça de Tariku adquirida pelo MET. Também tem a versão banco. (FIGURA 9)

FIGURA 8 E 9 – CADEIRA MEEDO E BANCO MEEDO



FONTE: WEXLER GALLERY, 2025

Cadeira Jimma (FIGURA 10), uma de suas criações mais recentes (apresentada em 2024), inspirada nas cadeiras tradicionais da cidade de Jimma, na região de Oromia, Etiópia. Apresenta uma fusão de formas esculturais e funcionais em madeira (STIRPAD, 2024). Inspirada nos móveis do Rei Abba Jifar. A cadeira Jimma tem significado cultural na Etiópia e era tradicionalmente usada por indivíduos importantes ou anciãos da comunidade. Simboliza status, respeito e herança.

FIGURA 10 – CADEIRA JIMMA E CADEIRA TRADICIONAL



FONTE: JOMO TARIKU, 2024

Outras peças: Incluem a Cadeira Boraatii, inspirada nos apoios de cabeça etíopes (FIGURA 11), o Banco Ashanti, reinterpretação dos banos de Gana (FIGURA 12), a Cadeira Qwanta Totem é o resultado de muitos anos de experimentação, evoluindo da tradicional cadeira de parto africana (FIGURA 13).

FIGURA 11: BANCO BORATII



FONTE: JOMO TARIKU, 2022

FIGURA 12: BANCO ASHANTI



FONTE: JOMO TARIKU, 2022

FIGURA 13: CADEIRA NYALA



FONTE: WEXLER GALLERY, 2018

Como afirma o próprio designer: *"Meu trabalho é sobre criar um novo léxico de design que honra as tradições africanas enquanto dialoga com a contemporaneidade. Não se trata apenas de estética, mas de representação e de corrigir a narrativa histórica do design"* (TARIKU, [s.d.]a).

Matheus Ramos

O trabalho de Matheus Ramos é pioneiro no Brasil ao trazer a cosmologia afro-brasileira para o design de mobiliário de alto padrão. O Alaká (ou Pano da Costa) é um tecido oriundo da tecelagem manual africana que chegou ao Brasil a partir de meados do século XVI, durante a colonização da América. Possui grande importância na cultura afro-brasileira até os dias atuais, especialmente no universo das religiões de matriz africana.

Segundo o historiador Luis Henrique Dias Tavares, o Pano da Costa foi intensamente consumido no Brasil no século XVIII e início do século XIX através da comercialização de artigos ingleses e franceses na costa ocidental africana. No Brasil, tornou-se costume das crioulas que habitavam Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Minas Gerais, sendo originalmente indumentária popular da Costa do Marfim, Gana, Nigéria, Congo, Benin e Senegal. (FIGURA 14)



FIGURA 14: Eugênia Anna dos Santos, Mãe Aninha com alaká. | Usado com permissão do Smithsonian Institution, Washington, DC, National Anthropological Archives, Papers of Ruth Schlossberg Landes. Fonte: CONEXAO.UFRJ.BR

FIGURA 15 E 16: Poltrona Alaká



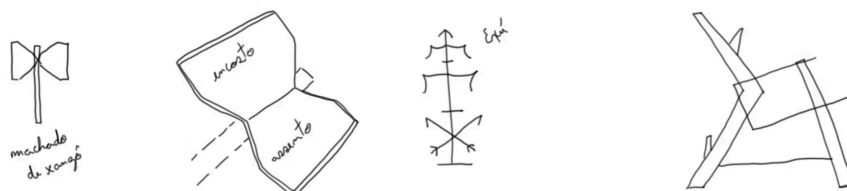
FONTE: DESIGN MATHEUS

A poltrona Alaká (FIGURA 15 E 16) foi produzida pela América Móveis, utilizando tecido confeccionado artesanalmente pela artesã Iraídes. O tecido foi produzido na Casa do Alaká, um terreiro de Candomblé em Salvador de nação lorubá chamado Ilê Axé Opô Afonjá, que preserva a produção artesanal autóctone do Pano da Costa. A conexão entre o designer Matheus Ramos e a artesã foi intermediada pelo mestre Griot senegalês Doudou, demonstrando uma colaboração intercultural entre Brasil e África.

"A forma da poltrona nasce da relação entre o religioso e o tecido." A poltrona incorpora simbologias dos orixás Exu e Xangô (FIGURA 16 E 17): Exu, representado por linhas retas que se cruzam de modo inclinado em um eixo vertical central, simbolizando seu leque amplo de formas e Xangô, representado pelo machado de duas faces, em homenagem ao Orixá regente do terreiro centenário Ilê Axé Opô Afonjá

As linhas inclinadas das simbologias de Exu formam as pernas da poltrona. O machado de duas faces de Xangô compõe o conjunto assento e encosto do móvel. O pano Alaká, acessório do vestuário afro-brasileiro, assume papel de indumentária transportada da vestimenta feminina para compor o encosto da poltrona. Os braços de aço destacam-se como elemento metálico inspirado na cultura milenar africana da arte metalúrgica, referenciando as esculturas de bronze da cidade de Ifé (Nigéria) que remontam a mais de 500 anos.

FIGURA 17 E 18: Exu e Xangô



FONTE: DESIGN MATHEUS

A poltrona Alaká agrega "valor histórico-cultural para o design brasileiro". Representa um exemplo de "Novo Design" que integra tradição e contemporaneidade. Demonstra como elementos da religiosidade afro-brasileira podem ser fundamento conceitual para criações de design, estabelecendo um diálogo profundo entre design contemporâneo e ancestralidade africana

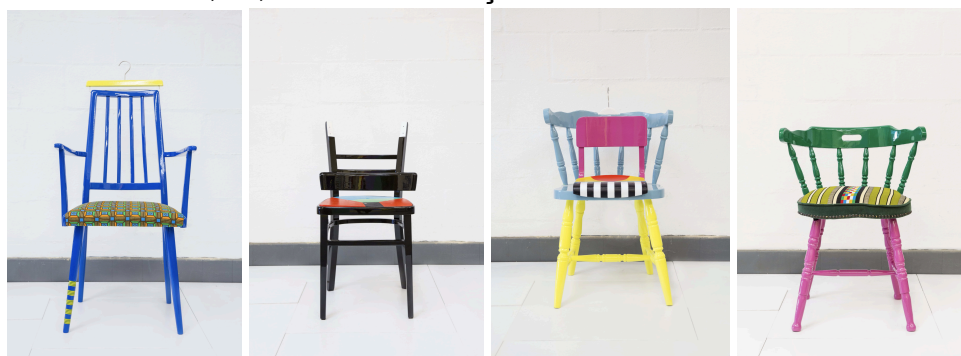
Como destaca o próprio designer: "Trazer à tona a representatividade da

cultura afro em um país cuja maioria da população é negra demonstra a sensibilidade de um profissional que consegue enxergar fora de parâmetros eurocêntricos antiquados" (RAMOS, s.d.).

Yinka Ilori

O trabalho de Yinka Ilori é caracterizado pelo upcycling e pela incorporação de narrativas nigerianas e da diáspora africana em Londres. Suas coleções são manifestos visuais:

FIGURA 19, 20, 21 E 22: COLEÇÃO IF CHAIRS COULD TALK



FONTE: YINKA ILORI

If Chairs Could Talk - 2015 (FIGURAS 18, 19, 20 E 21), criada inicialmente para uma loja conceito na King's Road em Londres, esta coleção transformou cadeiras descartadas em peças narrativas carregadas de significado cultural e pessoal. Cada cadeira conta a história de alguém com quem Ilori cresceu em sua comunidade londrina, recebendo nomes como "A Trapped Star" (Uma Estrela Aprisionada), "Backbone" (Espinha Dorsal) e "A Helping Hand" (Uma Mão Amiga).

O conceito central da coleção é inspirado por um provérbio nigeriano que afirma: "Não importa quão longo seja o pescoço de uma girafa, ela ainda não consegue ver o futuro". Esta referência cultural serve como metáfora contra o pré-julgamento das pessoas com base em aparências ou circunstâncias momentâneas.

O processo criativo envolveu coletar cadeiras descartadas pelas ruas de Londres, desmontá-las e reconfigurá-las com tecidos vibrantes inspirados em padrões africanos. Ilori estabelece um paralelo entre o tratamento dado às cadeiras e às pessoas na sociedade: "Aqueles cadeiras, que estavam na rua e com as quais ninguém se importava, foram transformadas e de repente as pessoas queriam elogiá-las... acho que é assim que às vezes tratamos outras pessoas" (ILORI, 2021).

A coleção ganhou reconhecimento internacional, com peças exibidas no Museu Vitra na Suíça, no Museu Guggenheim de Nova York e no Museu e Galeria de Arte de Brighton no Reino Unido.

FIGURA 23, 24 E 25: COLEÇÃO PARABLE



FONTE: YINKA ILORI

A Parable Collection foi uma das primeiras explorações de Ilori no upcycling de cadeiras e na incorporação de parábolas nigerianas ao design de mobiliário. Esta coleção, criada em 2013, estabeleceu as bases conceituais e estéticas que caracterizariam seu trabalho posterior.

Cada cadeira da coleção é inspirada em uma parábola nigeriana específica, traduzindo narrativas orais em objetos físicos através do uso de cores vibrantes, padrões geométricos e formas expressivas. As cadeiras funcionam como veículos para preservar e transmitir sabedoria tradicional em um contexto contemporâneo.

A "Parable Collection" é caracterizada por uma paleta de cores mais primária e composições mais geométricas em comparação com trabalhos posteriores. As cadeiras apresentam estruturas simplificadas com intervenções cromáticas ousadas, criando contrastes visuais impactantes que refletem a vivacidade da cultura visual nigeriana.

Esta coleção inicial já demonstrava o interesse de Ilori em explorar o mobiliário como meio de expressão cultural e identitária, além de seu compromisso com práticas sustentáveis através do upcycling.

O Imaginário Afrofuturista no Cinema: O Mobiliário de Pantera Negra

Os filmes Pantera Negra (2018) e Pantera Negra: Wakanda Para Sempre (2022) tornaram-se marcos culturais, não apenas pela representatividade, mas também pela construção visual de Wakanda, um país africano tecnologicamente avançado que nunca foi colonizado. O design de produção, liderado por Hannah Beachler (a primeira mulher negra a ganhar o Oscar na categoria), foi fundamental para criar esse universo afrofuturista, e o mobiliário desempenhou um papel crucial nessa construção.

A Visão de Hannah Beachler: Fusão de Tradição e Tecnologia

Beachler e sua equipe realizaram uma extensa pesquisa em diversas culturas e paisagens africanas para criar a estética de Wakanda. O objetivo era evitar estereótipos e construir um mundo que parecesse autêntico, tecnologicamente avançado, mas profundamente enraizado em tradições africanas (PREMIUMBEAT, 2018). Isso se refletiu diretamente no mobiliário, em forma de inspiração cultural, formas, padrões e materiais foram inspirados em diversas fontes, como a arquitetura Dogon, os tecidos Kente, as esculturas Zulu, a arte Ndebele e a arquitetura vernacular de diferentes regiões da África.

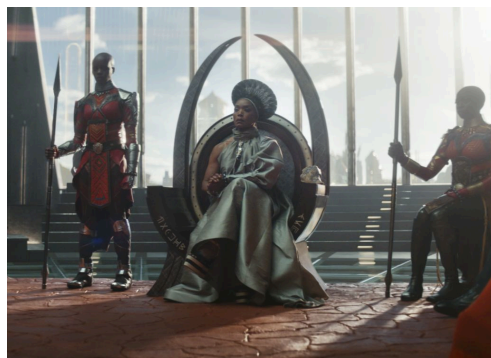
Observa-se também a tecnologia integrada, já que o mobiliário

frequentemente incorpora tecnologia de forma sutil ou explícita, como interfaces holográficas, materiais que mudam de forma ou fontes de energia integradas, refletindo a avançada tecnologia de Wakanda. Há simbolismo em muitas peças ligadas à realeza, à espiritualidade ou à história de Wakanda, como o trono da Sala do Trono, que combina elementos ancestrais com um design imponente e moderno. Por fim, o contraste e harmonia, o design de interiores dos espaços wakandanos frequentemente justapõem elementos naturais (madeira, pedra, vegetação) com materiais de alta tecnologia (metais polidos, vidro inteligente, vibranium), e o mobiliário reflete essa harmonia.

Mobiliário em Wakanda

Embora muitas peças tenham sido criadas especificamente para o filme pela equipe de Beachler, alguns exemplos notáveis incluem:

FIGURA 26 - TRONO DE WAKANDA



FONTE: DISNEY, 2018

O Trono de Wakanda (FIGURA 25) uma peça central, imponente, que mistura elementos que remetem a tronos africanos tradicionais com uma estética futurista e materiais nobres.

FIGURA 27, 28 E 29 - MOBILIÁRIO WAKANDA FOREVER



FONTE: HOUSE BEAUTIFUL

Peças de Jomo Tariku, (FIGURA 27, 28 E 29) em Wakanda Para Sempre: A inclusão de cinco peças de Tariku (Nyala, MeQuamya, Mukecha, etc.) no segundo filme representou um passo importante, conectando o universo cinematográfico com o trabalho de designers afrofuturistas contemporâneos (FINNEY, 2022).

O design de mobiliário em Pantera Negra não foi meramente decorativo; ele ajudou a construir a identidade visual de Wakanda, reforçando a ideia de um futuro africano que celebra sua herança enquanto abraça a inovação tecnológica. O sucesso dos filmes validou e popularizou a estética afrofuturista, abrindo portas para designers como Jomo Tariku e inspirando novas abordagens no design.

Estudos de Caso: Materializando e Comparando Abordagens no Mobiliário

Para além da discussão conceitual, a análise de obras específicas permite compreender como os princípios do Afrofuturismo e do pensamento decolonial se materializam concretamente no design de mobiliário, muitas vezes em contraponto direto às lógicas hegemônicas do design moderno europeu.

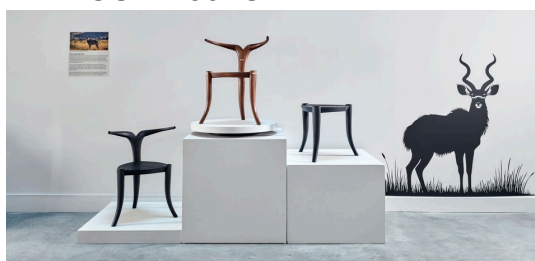
Examinar peças criadas por designers que operam nessas intersecções revela as estratégias formais, materiais e simbólicas utilizadas para desafiar cânones, celebrar identidades e projetar futuros alternativos. Nesta seção, analisaremos peças emblemáticas de Jomo Tariku, Matheus Ramos e Yinka Ilori, comparando suas abordagens entre si e com um ícone do design moderno europeu, a Cadeira Wassily de Marcel Breuer.

Jomo Tariku: Reivindicando um Léxico Moderno Africano

Jomo Tariku posiciona seu trabalho como uma resposta direta à invisibilidade do design africano nos cânones modernistas e contemporâneos. Sua missão, como ele mesmo afirma, é criar um "novo idioma de design de mobiliário moderno com tema africano" (FINNEY, 2022), preenchendo uma lacuna e desafiando a noção de que o design relevante se origina exclusivamente do Norte Global. Suas peças não buscam replicar artefatos tradicionais, mas sim traduzir inspirações culturais, históricas e naturais do continente africano em formas contemporâneas, utilizando técnicas modernas de fabricação e materiais de alta qualidade. Essa abordagem é, em si, um ato decolonial, ao afirmar a validade e a sofisticação de estéticas não-europeias e reivindicar um lugar para elas no panorama do design global (TARIKU, [s.d.]a; ARTNET NEWS, 2022).

A Cadeira Nyala (FIGURA 30) é uma das peças mais icônicas de Tariku. Seu design é diretamente inspirado nos chifres do Nyala-das-montanhas (*Tragelaphus buxtoni*), um antílope endêmico das terras altas da Etiópia (INTERIOR DESIGN, 2023; FINE WOODWORKING, 2023). O encosto da cadeira replica a curvatura elegante e as torções dos chifres, criando uma silhueta orgânica e escultural.

FIGURA 30: CADEIRA NYALA



FONTE: WEXLER GALLERY

Produzida em madeiras nobres como freixo ebonizado ou nogueira, a cadeira combina a fluidez das curvas inspiradas na natureza com a precisão da manufatura contemporânea. A forma evoca o animal sem ser literal, traduzindo a inspiração cultural em uma linguagem de design sofisticada (JOMOTARIKU.COM, [s.d.]b;

ARTNET NEWS, 2022).

Ao trazer um elemento da fauna etíope para o centro do design de uma peça de mobiliário de luxo, Tariku desafia a hierarquia que frequentemente relega referências não-ocidentais ao exótico ou ao artesanal. A Cadeira Nyala afirma a beleza e a relevância da natureza e cultura africanas como fontes de inspiração para o design contemporâneo de alto padrão.

Sua presença no cenário de Wakanda no filme "Pantera Negra" (BUSINESS OF HOME, 2023) reforça a leitura afrofuturista, inserindo um elemento de design com raízes africanas profundas em uma narrativa especulativa sobre um futuro tecnológico e culturalmente autônomo.

Matheus Ramos: Espiritualidade Afro-Brasileira no Design

No contexto brasileiro, o trabalho de Matheus Ramos destaca-se por incorporar explicitamente valores culturais e religiosos afro-brasileiros em seu mobiliário, buscando representatividade e desafiando parâmetros eurocêntricos (RAMOS, s.d.).

A Poltrona Alaká (FIGURA 31) é um marco no design nacional por ser uma das primeiras peças de mobiliário de alto padrão a se basear abertamente na religiosidade afro-brasileira.

FIGURA 31: CADEIRA ALAKÁ



FONTE: DESIGN MATHEUS

A forma da poltrona remete diretamente a símbolos sagrados: o assento e o encosto evocam o machado de duas faces (Oxé) de Xangô, orixá da justiça; enquanto os grafismos presentes no desenho das pernas fazem alusão à divindade Exu, senhor dos caminhos e da comunicação (RAMOS, s.d.; AMERICAMOVEIS.COM, [s.d.]).

A Alaká materializa uma proposta decolonial ao trazer para o mercado de alto padrão referências estéticas e simbólicas historicamente marginalizadas. Questiona os cânones estabelecidos sobre o que é "bom design" e insere outras cosmologias no universo do morar, propondo um "encantamento" (SIMAS; RUFINO, 2020) que transcende a mera funcionalidade.

Alinha-se a uma perspectiva afrofuturista que reivindica a presença e a agência negra na construção de futuros possíveis, inclusive através dos objetos que

carregam memória e espiritualidade.

Yinka Ilori: Resignificação Afrodiaspórica e Upcycling

Na diáspora africana na Europa, o designer britânico-nigeriano Yinka Ilori oferece uma perspectiva vibrante, marcada pelo uso exuberante de cores e padrões, frequentemente aplicados a móveis reaproveitados (upcycled), transformando objetos cotidianos em peças escultóricas que contam histórias (ILORI, [s.d.]a; DEZEEN, 2015).

FIGURA 32 - IF CHAIRS COULD TALK



FONTE:DESIGN-MILK

Um exemplo notável é sua série "If Chairs Could Talk". (FIGURA 32) Ilori trabalha com cadeiras antigas ou descartadas, que ele desmonta, repara e remonta, aplicando cores vivas e tecidos com estampas africanas (como o Ankara). O processo de upcycling é central, conferindo um caráter sustentável e simbólico de transformação (DESIGN MILK, 2015; ILORI, [s.d.]b).

As cores vibrantes e os padrões remetem à estética nigeriana. Cada cadeira recebe um nome e uma história, baseada em parábolas ou experiências pessoais, transformando o móvel em veículo narrativo. A justaposição de formas europeias com estética africana cria um diálogo intercultural (ARCHITECTURAL DIGEST, 2017).

Sua abordagem pode ser lida sob uma lente afrofuturista pela capacidade de reimaginar o presente e o futuro através da celebração da cultura negra e da diáspora. Ao ressignificar objetos europeus com estéticas africanas, realiza um ato de apropriação cultural reversa e afirma a vitalidade da cultura afrodiaspórica. Sua abordagem lúdica oferece uma visão otimista e de resistência cultural através da alegria.

Para acentuar as características das abordagens afrofuturistas e decoloniais, é útil compará-las com um ícone do design moderno europeu, como a Cadeira Wassily (Modelo B3), desenhada por Marcel Breuer em 1925-1926, enquanto lecionava na Bauhaus

FIGURA 33 - CADEIRA WASSILY



FONTE: GULBENKIAN.PT

A Wassily (FIGURA 33) foi revolucionária pelo uso de tubos de aço cromado dobrados – inspirados na estrutura de uma bicicleta – e tiras de lona (posteriormente couro), materiais e técnicas industriais. Representa a busca da Bauhaus pela união entre arte, artesanato e indústria, e pela criação de objetos funcionais produzidos em massa (DROSTE, 2019; FIELL; FIELL, 2012).

Sua estética é marcada pela leveza visual, linhas geométricas puras, ausência de ornamentos e pela transparência da estrutura. Incorpora os princípios do funcionalismo ("a forma segue a função") e da racionalidade modernista, buscando uma linguagem universal e abstrata, despojada de referências culturais ou históricas específicas. O foco está na função, na estrutura e na exploração do material industrial (BAUHAUS-ARCHIV, [s.d.]).

A Wassily tornou-se um símbolo do design moderno, representando a ruptura com estilos anteriores e a aposta em uma estética ligada à era industrial e à produção seriada. Sua filosofia de design, focada na universalidade e na funcionalidade abstrata, embora inovadora, pode ser vista, sob uma ótica decolonial, como parte de um projeto que tendeu a apagar particularidades culturais em nome de um ideal supostamente universal, mas fundamentalmente eurocêntrico.

Análise Comparativa

A comparação entre as peças de Tariku, Ramos, Ilori e a Cadeira Wassily de Breuer evidencia projetos de mundo fundamentalmente distintos:

Universal vs. Particular/Situado, enquanto a Wassily busca uma linguagem universal e abstrata, supostamente livre de contexto cultural (embora profundamente marcada pelo contexto industrial europeu), as peças afrofuturistas e decoloniais celebram e se ancoram em particularidades culturais, históricas e espirituais (africanas, afro-brasileiras, afrodiaspóricas). Elas afirmam a identidade como potência criativa, em contraste com a busca modernista por uma neutralidade cultural.

Função vs. Narrativa/Símbolo, o modernismo da Bauhaus prioriza a função e a racionalidade da forma. Embora funcionais, as peças de Tariku, Ramos e Ilori transcendem a mera função para se tornarem veículos de narrativa, memória, espiritualidade e resistência. O simbolismo e a história incorporados ao objeto são tão importantes quanto sua utilidade prática.

Materialidade Industrial vs. Materialidade Significante, a Wassily explora as possibilidades estéticas dos novos materiais industriais (aço tubular). Os designers afrofuturistas/decoloniais, mesmo utilizando técnicas modernas, frequentemente escolhem materiais (madeiras nobres, tecidos estampados, objetos reaproveitados) que carregam significados culturais ou que dialogam com processos artesanais e sustentáveis, conferindo outra camada de sentido à materialidade.

Abstração vs. Encantamento/Presença, a estética modernista tende à abstração geométrica e à leveza visual. As abordagens afrofuturistas e decoloniais muitas vezes buscam um "encantamento", uma presença forte do objeto que evoca ancestralidade, espiritualidade ou vitalidade cultural, utilizando formas orgânicas (Tariku), símbolos religiosos (Ramos) ou cores e padrões vibrantes (Ilori).

Em suma, enquanto o design moderno europeu, exemplificado pela Wassily, buscou romper com o passado e estabelecer uma linguagem funcionalista e universalizante (que acabou por se tornar hegemônica e, em muitos aspectos, colonial), o design afrofuturista e decolonial aqui analisado propõe outros caminhos: ele se reconecta com ancestralidades, celebra identidades específicas, incorpora narrativas e espiritualidades, e utiliza a estética como ferramenta de resistência e construção de futuros plurais. A comparação não busca invalidar a importância histórica da Bauhaus, mas sim evidenciar como as perspectivas afrofuturistas e decoloniais oferecem alternativas críticas e criativas essenciais para um campo do design mais justo, representativo e verdadeiramente global.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta investigação sobre o Afrofuturismo no design de mobiliário, é evidente que estamos diante não apenas de uma tendência estética, mas de um movimento profundo de ressignificação e resistência cultural que reflete em múltiplas dimensões do campo do design contemporâneo.

A análise das obras de designers como Jomo Tariku, Matheus Ramos e Yinka Ilori revela como o mobiliário afrofuturista materializa um diálogo vivo entre ancestralidade e inovação, entre memória e futuro. Estas peças não são apenas objetos funcionais, mas manifestos que carregam narrativas, saberes historicamente marginalizados pelas regras eurocêntricas do design.

Os saberes ancestrais africanos e afro-brasileiros, longe de serem relíquias do passado, demonstram sua vitalidade e potência criativa quando incorporados ao design contemporâneo.

É notável a presença crescente de designers negros em espaços institucionais de prestígio, como a 36ª Bienal de São Paulo (2025), com o tema "Nem todo viandante anda estradas", aponta para um movimento gradual, porém significativo, de reconhecimento e valorização de epistemologias não-hegemônicas no campo do design. A exposição "Negras Memórias do Design Brasileiro", apresentada na 14ª Bienal Brasileira de Design em 2024, representa um marco importante nesse processo ao resgatar contribuições históricas apagadas e celebrar a produção contemporânea de designers negros brasileiros.

Como argumenta Achille Mbembe (2018, p. 73), "o Afrofuturismo não é apenas uma estética, mas uma teoria que desafia as narrativas lineares de progresso e modernidade impostas pelo Ocidente". Nesse sentido, o design

afrofuturista de mobiliário emerge como uma prática decolonial que questiona as hierarquias estabelecidas e propõe novos modos de pensar, criar e habitar o mundo.

Os estudos de caso analisados nesta pesquisa demonstram como o mobiliário pode transcender sua função utilitária para se tornar um veículo de transmissão cultural e resistência política. A Cadeira Nyala de Jomo Tariku, o Banco Mukecha presente em "Pantera Negra: Wakanda Para Sempre", a Poltrona Alaká de Matheus Ramos e as cadeiras narrativas de Yinka Ilori são exemplos concretos de como o design pode atuar na preservação e reinvenção de saberes ancestrais.

No contexto de resgate e valorização da estética negra no design brasileiro, é imprescindível destacar a atuação de Alberto Pitta, artista visual, designer e fundador do bloco afro Ilê Aiyê. Sua trajetória é marcada pela criação de uma linguagem visual profundamente conectada às matrizes africanas e à identidade negra brasileira. Os padrões gráficos desenvolvidos por Pitta, aplicados em tecidos, vestuários e objetos, não apenas resgatam simbologias ancestrais, mas também instauram uma estética de resistência e afirmação cultural que dialoga diretamente com os princípios do Afrofuturismo. Ao transpor elementos da tradição afro-baiana para o campo do design, Pitta contribui para a construção de um imaginário visual afrodiaspórico, no qual o passado é reconfigurado como potência de futuro. Sua obra nos lembra que o design também pode ser ferramenta de insurgência e empoderamento, sobretudo quando se propõe a romper com as lógicas coloniais de representação.

Esta pesquisa não se encerra aqui, mas abre caminhos para investigações futuras sobre as intersecções entre design, identidade e ancestralidade. Sugere-se o aprofundamento em temas como a relação entre sustentabilidade e saberes tradicionais africanos, o papel das tecnologias digitais na preservação e difusão de técnicas artesanais, e o potencial do design afrofuturista para a criação de espaços mais inclusivos e representativos.

Por fim, entendo que o design afrofuturista de mobiliário não representa apenas uma alternativa estética, mas um chamado à ação para designers, educadores e instituições repensarem suas práticas e referenciais. Como afirma o Manifesto pela Decolonização do Design, "decolonizar o design significa reconhecer que outras formas de conhecimento, compreensão e ação no mundo existem e são válidas" (ABDULLA et al., 2019, p. 130). É nesse reconhecimento e valorização da pluralidade epistêmica que reside o potencial transformador do design como prática social e cultural.

Minha vivência pessoal como estudante de design negra brasileira no Instituto Federal de Brasília trouxe à tona, desde o início, as contradições de um ensino de design ainda profundamente eurocêntrico. A escassez de referências negras nos currículos e materiais didáticos cria uma lacuna de identidade que só começou a ser preenchido quando tive contato com uma pesquisa sobre designers na aula de História do Mobiliário, onde pesquisei e encontrei o designer Jomo Tariku e uma dúvida sincera pairou sobre os meus pensamentos "Onde estão os designers negros? Por quê não falamos sobre eles?" e se não me vejo, não me compro.

REFERÊNCIAS

ABDULLA, Danah et al. A Manifesto for Decolonising Design. **Journal of Future Studies**, v. 23, n. 3, p. 129-132, 2019.

ADG BRASIL. A PretADG, coletivo de designers negros... **Instagram**, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CW8zkHIDp0W/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ANDERSON, Reynaldo; JONES, Charles E. (Eds.). **Afrofuturism 2.0: The Rise of Astro-Blackness**. Lanham: Lexington Books, 2016.

ARAÚJO, Emanuel. **Pensar e Repensar, Fazer e Refazer: saberes manuais na arte afro-brasileira**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2023.

ARTNET NEWS. Furniture Designer Jomo Tariku Goes Back to the Afrofuture. ****Artnet News****, 26 nov. 2022. Disponível em: <https://news.artnet.com/art-world/jomo-tariku-furniture-wakanda-2217201>. Acesso em: 05 jun. 2025.

BAUHAUS-ARCHIV. Marcel Breuer: Wassily Chair (Model B3). [s.d.]. Disponível em: https://www.bauhaus.de/en/werke/631_stuhl_b3/. Acesso em: 05 jun. 2025.

BIENAL DE SÃO PAULO. 36ª Bienal de São Paulo – Nem todo viandante anda estradas. 2025. Disponível em: <https://bienal.org.br/agenda/36a-bienal-de-sao-paulo-nem-todo-viandante-anda-estradas-da-humanidade-como-pratica/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

BOTES, Herman. Integrating decolonial theory through signature pedagogies in design education. **Critical Studies in Teaching and Learning**, Cape Town, v. 13, n. spe, 2025. Disponível em: http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2310-71032025000100006. Acesso em: 03 jun. 2025.

BUSINESS OF HOME. This artist's work is an homage to his Ethiopian heritage. **Business of Home**, 23 fev. 2023. Disponível em: <https://businessofhome.com/articles/this-artist-s-work-is-an-homage-to-his-ethiopian-heritage.html>. Acesso em: 05 jun. 2025.

CASAVOGUE. Designer cria plataforma digital para aumentar visibilidade de profissionais negros na área. **Casa Vogue**, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Design/Gente/noticia/2020/06/designer-cria-plataforma-digital-para-aumentar-visibilidade-de-profissionais-negros-na-area.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DERY, Mark. Black to the Future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: DERY, Mark (Ed.). **Flame Wars: The Discourse of Cyberculture** Durham: Duke University Press, 1994.

DESIGN MILK. Yinka Ilori's Colorful Chairs Tell Stories of Hope. **Design Milk**, 2021. Disponível em: <https://design-milk.com/yinka-iloris-colorful-chairs-tell-stories-of-hope/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

PITTA, Alberto. Alberto Pitta: Arte, Design e Resistência Afro-brasileira. Salvador: **Instituto Mídia Étnica**, 2021. Disponível em: <https://www.institutomidiaetnica.org/alberto-pitta-arte-design-e-resistencia-afro-brasil-eira>. Acesso em: 20 jul. 2025.

DEZEEN. Yinka Ilori unveils "Types of Happiness" installation in London. **Dezeen**, 2023. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2023/07/types-of-happiness-yinka-ilori-london/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

DNBR. Sobre a iniciativa: Designers Negres no Brasil. [s.d.]. Disponível em: <https://designersnegresnobrasil.com.br/sobre/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DROSTE, Magdalena. **Bauhaus: 1919-1933**. Köln: Taschen, 2019.

ELLE DECOR. The Africa-Inspired Furniture Designs of Jomo Tariku Are Getting Their Due. **Elle Decor**, 1 abr. 2019. Disponível em: <https://www.elledecor.com/design-decorate/interior-designers/a26990646/jomo-tariku-interview/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.

EXAME. Bial do Design celebra a diversidade com edição no Nordeste. **Exame**, 15 dez. 2024. Disponível em: <https://exame.com/casual/bial-do-design-celebra-a-diversidade-com-edicao-no-nordeste/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FERREIRA, Felipe de Almeida D. Design brasileiro no giro decolonial. **Revista VIRUS**, São Carlos, n. 24, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/virus/article/view/229123>. Acesso em: 05 jun. 2025.

FIELL, Charlotte; FIELL, Peter. **Design do Século XX**. Köln: Taschen, 2012.

FINE WOODWORKING. Inspiring heritage. **Fine Woodworking**, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://www.finewoodworking.com/2023/04/28/inspiring-heritage>. Acesso em: 05 jun. 2025.

FINNEY, Alice. Five afrofuturist chairs by Jomo Tariku featured in Black Panther: Wakanda Forever. **Dezeen**, 7 dez. 2022. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2022/12/07/jomo-tariku-black-panther-wakanda-five-chairs/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

FINNEY, Tariq. Jomo Tariku's Furniture Celebrates the Beauty and Culture of Africa. **Architectural Digest**, 2022. Disponível em: <https://www.architecturaldigest.com/story/jomo-tariku-furniture-celebrates-the-beauty-and-culture-of-africa>. Acesso em: 05 jun. 2025.

IED BRASIL. O que é Design? **Instituto Europeu de Design**, 2022. Disponível em: <https://ied.edu.br/blog/o-que-e-design/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

IED BRASIL. Saiba o que é Design e sua importância para pessoas e negócios.

Disponível em: <https://ied.edu.br/noticias/saiba-o-que-e-design-e-sua-importancia>. Acesso em: 03 jun. 2025.

ILORI, Yinka. Yinka Ilori Turns Discarded Chairs into Sculptural Pieces With a Story. [Entrevista concedida a] Katie Treggiden. **Design Milk**, 2021. Disponível em: <https://design-milk.com/yinka-ilorl-turms-discarded-chairs-into-sculptural-pieces-with-a-story/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

INTERIOR DESIGN. 10 Questions With... Jomo Tariku. **Interior Design**, 2 fev. 2023. Disponível em: <https://interiordesign.net/designwire/10-questions-with-jomo-tariku/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

JOMOTARIKU.COM. Nyala Chair. [s.d.]b. Disponível em: <https://jomotariku.com/products/nyala-chair>. Acesso em: 05 jun. 2025.

LIVROBINGO. O que é Afrofuturismo? Características, referências e autores. **Livro Bingo**, 19 mai. 2023. Disponível em: <https://www.livrobingo.com.br/afrofuturismo-caracteristicas-referencias-tematicas-e-autores>. Acesso em: 05 jun. 2025.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF, n. 34, p. 287-324, 2008.

MUSEU AFRO BRASIL. Exposição "Pensar e Repensar, Fazer e Refazer". 2024-2025. Disponível em: <https://museuafrobrasil.org.br/exposicoes/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

NEGRE. Coletivo resgata história do design negro brasileiro em exposição inédita. **Negre**, 10 dez. 2024. Disponível em: <https://negre.com.br/coletivo-resgata-historia-do-design-negro-brasileiro-em-exposicao-inedita/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

NELSON, Alondra. Introduction: Future Texts. **Social Text** v. 20, n. 2 (71), p. 1-15, 2002.

NUNES, Cristine Medeiros Ramos. O Afrofuturismo enquanto Design. **ResearchGate**, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357235573_O_Afrofuturismo_enquanto_Design. Acesso em: 10 jun. 2025.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PORFÍRIO, Horrana. A história do Cadê os Pretos no Design? – Parte 1. **Medium**, 25 jul. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@honporfirio/a-hist%C3%B3ria-do-cad%C3%AA-os-pretos-no-design-4213c484ba1f>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PRECISAMOS FALAR SOBRE. Decolonização & Descolonização do Design. **Precisamos falar sobre**, 2020. Disponível em: <https://precisamosfalar.meiuca.co/3-decolonizacao-e-descolonizacao-do-design>. Acesso em: 05 jun. 2025.

PREMIUMBEAT. The Production Design of Black Panther: How Wakanda Came to Life. **PremiumBeat**, 2018. Disponível em: <https://www.premiumbeat.com/blog/production-set-design-black-panther/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

PRETADG. Exposição "Negras Memórias do Design Brasileiro". 14ª Bienal Brasileira de Design, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/pretadg/p/DDYHCfJLoA/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RAMOS, Matheus. O impacto da herança africana no design de móveis. **Revista Canjerê**, 2025. Disponível em: <https://revistacanjere.com.br/o-impacto-da-heranca-africana-no-design-de-moveis/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

RAMOS, Matheus. Poltrona Alaká. **Design Matheus** [s.d.]. Disponível em: <https://designmatheus.com/mobiliario-poltrona-alaka-matheus-ramos/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

SCHAEFER FRANÇA, Maureen. Cadê as pessoas negras no Design? (série 2). **Teoria do Design**, 14 fev. 2022. Disponível em: <https://teoriadodesign.com/cade-as-pessoas-negras-no-design-serie-2/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

SCHAEFER FRANÇA, Rodrigo. Onde estão os designers negros? **Revista Continente** 2022. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/254/onde-estao-os-designers-negros>. Acesso em: 05 jun. 2025.

SCRIBD. Catálogo Negras Memórias Do Design Brasileiro. **Scribd**, 2025. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/838529585/Catalogo-Negras-Memorias-Do-Design-Brasileiro>. Acesso em: 10 jun. 2025.

STIRPAD. Jomo Tariku: Juxtaposed, a portal to African design at Philadelphia's Wexler Gallery. **STIR**, 2024. Disponível em: <https://www.stirpad.com/news/stir-news/jomo-tariku-juxtaposed-a-portal-to-african-design-at-philadelphias-wexler-gallery/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

TARIKU, Jomo. About. **Jomo Furniture**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.jomofurniture.com/about.html>. Acesso em: 05 jun. 2025.

TARIKU, Jomo. Jomo Tariku: Winning Respect for Modern African Design. **Indeed Design**, [s.d.]. Disponível em:

<https://indeed.design/article/jomo-tariku-winning-respect-for-modern-african-design/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

TEORIADODESIGN. Cadê as pessoas negras no Design? (série 1). **Teoria do Design**, 2021. Disponível em: <https://teoriadodesign.com/cade-as-pessoas-negras-no-design/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

TORRES, Lorena Gomes de Oliveira. ****Design Decolonial: Contribuições ao pensamento crítico e projetual no ensino de design no Brasil****. Tese (Doutorado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10400.5/28039>. Acesso em: 05 jun. 2025.

UOL CULTURA. Afrofuturismo: saiba o que é o movimento e quem são os autores brasileiros do gênero. **UOL**, 4 set. 2023. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2023/09/04/7709_afrofuturismo-saiba-o-que-e-o-movimento-e-os-autores-brasileiros-do-genero.html. Acesso em: 05 jun. 2025.

VAN AMSTEL, Frederick M. C. What is Decolonizing Design? [s.d.]. Disponível em: <https://fredvanamstel.com/talks/what-is-decolonizing-design>. Acesso em: 05 jun. 2025.

WAGUIN. Onde estão nossas referências negras em Design?. **DDNBR Medium**, 26 out. 2018. Disponível em: <https://medium.com/ddnbr/onde-est%C3%A3o-nossas-refer%C3%A4ncias-negras-e-m-design-8f3381557c95>. Acesso em: 05 jun. 2025.

WIKIPÉDIA. Afrofuturismo. **Wikipédia, a enciclopédia livre**, 2025a. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Afrofuturismo>. Acesso em: 05 jun. 2025.

WIKIPÉDIA. Design de mobiliário. **Wikipédia, a enciclopédia livre**, 2025b. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Design_de_mobili%C3%A1rio. Acesso em: 05 jun. 2025.

WOMACK, Ytasha L. **Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture**. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

ZUCHINALI, Kelen. Decolonialidade e Carnaval. **DAT Journal** v. 6, n. 2, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://datjournal.anhembri.br/dat/article/view/343>. Acesso em: 05 jun. 2025.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pelo o dom da vida e por ter sonhado comigo desde toda eternidade vivendo esse momento, que foi pedido em muitas orações. À Nossa Senhora que me guiou, me acompanhou e intercedeu por mim em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, Marcos (in memoriam) e Helena sem vocês eu literalmente não existiria. Agradeço em especial a minha mãe, que sempre sonhou comigo, me acompanhou e me apoiou em todas as minhas decisões.

Às minhas irmãs: Fernanda, Fabiana, Fabiola, Luana e Regina por não medirem esforços para que eu conseguisse chegar até aqui, que sempre me acompanharam, me incentivaram, apoiaram e não me deixaram desistir do meu sonho.

Aos meus sobrinhos José, João, Maju e Miguel que me permitiram não desistir para ser exemplo para eles e aflorar o design em suas vidas em diversos momentos, principalmente nos aniversários.

À minha amiga e vizinha Wanessa, com quem compartilho sonhos desde da minha infância e esse não seria diferente.

À minha professora e orientadora Luiza, que não desistiu de mim, me encorajou e compartilhou muito conhecimento comigo.

E por fim, o meu eterno agradecimento por todos aqueles que participaram da minha vida nessa jornada: professores, funcionários do IFB, colegas e amigos que fiz durante o curso e os estágios, motoristas e cobradores de ônibus, as tias do lanche e todos aqueles que eu não consegui citar, vocês estão ajudando a formar uma Designer de Produto.